

segundo determinada perspectiva. Designamos esse âmbito de objetos como objeto material da ciência; a respectiva perspectiva é chamada de objeto formal da ciência. É assim que o homem pode ser objeto de diversas ciências, que se distinguem então por seu objeto formal. A medicina (humana), por exemplo, trata o homem da perspectiva de sua saúde, a antropologia (biológica) investiga o homem sob o aspecto de seu desenvolvimento e sua diversidade, a psicologia investiga-o na perspectiva de seu comportamento e sua vivência. K. Rahner (1904-1984), por exemplo, definiu a teologia como “o auto-enunciar-se reflexivo do homem sobre si mesmo, a partir da revelação divina” (RAHNER 1982, p. 4), e assim como ciência humana, que deve igualmente ser distinta das outras ciências por uma perspectiva de questionamento própria.

Referências

THEOBALD 1973
WOHLGENANT 1969

3. O que é filosofia?

46

Visto que também o conhecimento humano é objeto de diversas ciências (38), para podermos determinar a teoria do conhecimento será preciso tematizar seu objeto formal próprio, o modo de consideração filosófico, visto que é esse marco, enquanto disciplina filosófica, que serve para distinguir o conhecimento das outras ciências. Perguntamos então por meio de que a filosofia se distingue das outras ciências. Mas com isso já teremos admitido que a filosofia é considerada uma ciência. É bem verdade que na linguagem usual oportunamente costuma-se chamar de “filosofia” também à divagação sem compromisso ou à especulação desregrada, ou ainda a um matutar demente, todavia será preciso aqui eliminar esse linguajar mediante uma definição restritiva; é só o que satisfaz à definição de ciência acima apresentada que deve ser chamado de “filosofia”, mas naturalmente nem tudo o que corresponde a essa definição de ciência, visto que ao lado da filosofia existem muitas outras ciências não-filosóficas.

Do restante das correntes especializadas que chamamos de ciências particulares, visto investigarem a cada vez um âmbito do objeto singular, a filosofia já se distingue por seu objeto

material, uma vez que não se restringe a tal âmbito restrito de objetos; para ela tudo pode ser questionado, e por isso pode ser chamada também de ciência universal. Mas essa designação pode levar a equívocos. A filosofia de modo algum pode pretender representar a soma de todas as outras ciências ou sua quintessência. É bem verdade que W. Wundt (1832-1920) postulou que a filosofia deveria unificar os “conhecimentos universais das ciências num sistema livre de contradição”, numa “visão de mundo científica”; mas isso seria uma tentativa equivocada, visto que pela adição de ciências jamais poderá resultar uma nova ciência, e porque um “cientista universal especializado” que se sente em casa em todos os âmbitos da ciência, capaz de entabular seus conhecimentos estabelecendo com eles uma unidade, já se tornou uma fábula há alguns séculos, mesmo que isso só tenha ficado patente apenas recentemente. Ao contrário, a filosofia não tem o conhecimento especializado da perspectiva de questionamento própria dos âmbitos das outras ciências. Quando, mesmo assim, ela reivindica investigar igualmente seus objetos, isso se dá porque considera esses objetos de outra perspectiva, a saber, a perspectiva que caracteriza a filosofia.

47

Mas precisamente no âmbito da própria filosofia há divergência de opiniões em relação ao que constitui o objeto formal da filosofia. Para os gregos, a filosofia ainda poderia designar toda e qualquer ciência (teórica ou ética). Aristóteles delimita a “primeira filosofia” como aquela que se ocupa com o ente enquanto ente, e com aquilo que advém junto com este, por exemplo com os fundamentos últimos de tudo (Met. 4, 1003 a 21 ss.). Na filosofia ocidental, essa determinação manteve-se até os dias de hoje, e sempre ressurge com uma formulação diferente, seja quando qualificamos a filosofia como a ciência que diz respeito ao todo ou quando ela pergunta pelas primeiras causas de tudo — como na pergunta de Heidegger: “Por que há o ente e não simplesmente o nada?” (9). No decurso da história da filosofia, porém, foram-lhe atribuídos diversos outros objetivos; recentemente, por exemplo (caracterizada pela filosofia analítica da linguagem) incumbiu-se a filosofia apenas de explicitar a linguagem, ou, ao ser reduzida à filosofia da ciência, recebeu a tarefa exclusiva de determinar o que deve valer como critério, método e tarefa da